

O desafio da tríplice jornada: mãe, trabalhadora e estudante
The challenge of the triple shift: mother, worker, and student
El desafío de la triple jornada: madre, trabajadora y estudiante

Ana Paula Borba Costa*

Resumo

Soraylu é uma mãe dedicada de duas meninas pequenas que, além de suas responsabilidades familiares, trabalha em um campus avançado de uma Universidade Federal e está cursando um mestrado. Apesar dos desafios diários, ela conseguiu concluir o primeiro ano do curso sem comprometer seu desempenho profissional. Soraylu frequentemente levava suas filhas para aulas e orientações, fazendo malabarismos para atender todas as demandas. Quando chegou o momento de escrever sua dissertação, ela solicitou uma licença de capacitação de sete meses, que foi inicialmente aprovada por seu chefe imediato, mas reduzida para três meses pelo Diretor, que não queria alterar a rotina de trabalho de outros setores. A decisão do Diretor levou Soraylu ao desespero e adoecimento, refletindo as dificuldades e injustiças que muitas mães enfrentam ao tentar equilibrar maternidade, trabalho e estudos no ambiente científico e no mercado de trabalho.

Palavras chave: Maternidade, trabalho, serviço público.

Abstract

Soraylu is a dedicated mother of two young girls who, in addition to her family responsibilities, works at an advanced campus of a Federal University and is pursuing a master's degree. Despite the daily challenges, she managed to complete the first year of the course without compromising her professional performance. Soraylu often brought her daughters to classes and orientations, juggling to meet all demands. When it came time to write her dissertation, she requested a seven-month leave for professional development, which was initially approved by her immediate supervisor but reduced to three months by the Director, who did not want to change the work routine of other departments. The Director's decision drove Soraylu to despair and illness, highlighting the difficulties and injustices many mothers face when trying to balance motherhood, work, and studies in the scientific environment and the job market.

Keywords: Motherhood, work, public service.

Resumen

Soraylu es una madre dedicada de dos niñas pequeñas que, además de sus responsabilidades familiares, trabaja en un campus avanzado de una Universidad Federal y está cursando una maestría. A pesar de los desafíos diarios, logró completar el primer año del curso sin comprometer su desempeño profesional. Soraylu frecuentemente llevaba a sus hijas a clases y orientaciones, haciendo malabares para cumplir con todas las demandas. Cuando llegó el momento de escribir su tesis, solicitó una licencia de capacitación de siete meses, que fue inicialmente aprobada por su jefe inmediato, pero reducida a tres meses por el Director, quien no quería alterar la rutina de trabajo de otros sectores. La decisión del Director llevó a Soraylu a la desesperación y a enfermarse, reflejando las dificultades e injusticias que muchas madres enfrentan al intentar equilibrar la maternidad, el trabajo y los estudios en el entorno científico y en el mercado laboral.

Palabras clave: Maternidad, trabajo, servicio público.

A gestão em um campus avançado de uma Universidade Federal foi reconhecida, ao longo do tempo, como sendo "legalista", colocando sempre em primeiro lugar os regimentos, regras e regulamentos. Este ambiente rígido, quase opressivo, gerou um clima de tensão entre os funcionários. Os corredores do campus murmuravam histórias de pequenos deslizamentos que levaram a consequências desproporcionais, aumentando a atmosfera de medo e vigilância constante.

Alguns desconfiavam que esta "idolatria" às regras era devido ao passado do Diretor do campus. O rigor militar que ele trazia consigo parecia impregnar cada decisão administrativa. Outros alegavam que os gestores do campus já haviam sofrido muitas auditorias da Controladoria Geral da União, deixando uma marca indelével de medo e paranoia sobre a interpretação e cumprimento das normas. A cada nova auditoria, o temor de uma falha tornava-se mais palpável, quase sufocante.

Desrespeitar regras nunca foi o intuito dos servidores, mas eles clamavam por um olhar mais humano para as situações que surgiam. A inflexibilidade das normas deixava pouca margem para a compreensão e empatia. Era como se cada interação estivesse sob a ameaça de um julgamento implacável. O desejo por um ambiente mais acolhedor e menos opressivo parecia um grito silencioso ecoando pelos corredores austeros.

Dentre os setores deste campus, o que tem mais demanda é a Secretaria Acadêmica. Nele, os servidores se dividem entre atendimento ao público interno e externo, gestão de dados no sistema, processos e outras atividades cruciais. A pressão era constante e o fluxo de trabalho incessante. Para que houvesse atendimento ininterrupto,

os três servidores trabalhavam seis horas sem intervalos, um sacrifício diário que se tornava cada vez mais pesado. Entre eles, destacava-se a figura incansável de Soraylu.

Soraylu tem nove anos de serviço público e quatro neste setor específico. Ela se julga dedicada e busca sempre atender a todos da melhor maneira, mas a realidade é ainda mais intensa. Não falta ao trabalho nem quando está doente, temendo as repercussões. A preocupação em não prejudicar seus colegas a consome; se ela faltar, os outros servidores terão que cobrir suas horas, prolongando ainda mais suas próprias jornadas. Soraylu sabe, melhor que ninguém, que os demais servidores também têm atividades pessoais a resolver fora do trabalho, e carregar o peso adicional de uma colega ausente poderia ser insuportável. Cada dia é uma batalha silenciosa, uma corrida contra o relógio e contra o esgotamento iminente.

Soraylu concluiu o primeiro ano do mestrado, um feito notável considerando as circunstâncias. Conseguiu cursar as disciplinas sem prejudicar o andamento do serviço, equilibrando suas responsabilidades com uma habilidade quase sobre-humana. Mesmo sendo mãe de duas meninas pequenas, ela se viu obrigada a levar as filhas para aulas e orientações, uma visão que não era incomum mas que carregava consigo um peso imenso. O malabarismo constante para que tudo corresse bem muitas vezes deixava Soraylu exausta, mas determinada. Cada dia era uma batalha, um novo desafio a ser superado.

No entanto, por trás dessa determinação estava uma verdade amarga: o ambiente científico e o mercado de trabalho são muitas vezes implacáveis para as mães. As exigências de Soraylu não eram apenas profissionais, mas também pessoais. Quantas noites mal dormidas, quantas aulas assistidas com uma criança no colo? O apoio era escasso, e as políticas institucionais raramente levavam em conta as necessidades de mães trabalhadoras. Soraylu não estava sozinha nessa luta; muitas outras mães compartilhavam desse fardo, constantemente pressionadas a provar que poderiam ser igualmente competentes, apesar das demandas adicionais em suas vidas pessoais.

Refletindo sobre sua jornada, Soraylu questionava: até quando as mães seriam forçadas a fazer esses sacrifícios? O que seria necessário para que o ambiente acadêmico e o mercado de trabalho se tornassem mais inclusivos e compreensivos? Cada desafio superado era uma vitória, mas também uma lembrança constante das barreiras sistêmicas que ainda existiam. A luta de Soraylu era um espelho das lutas diárias de muitas outras mães, refletindo uma realidade dura e, muitas vezes, injusta. Em um mundo ideal, seria possível equilibrar carreira e maternidade sem o constante sentimento de estar perdendo algo, mas, até lá, Soraylu e outras mães continuariam a batalha, esperançosas por um

futuro mais justo.

Mas chegou o momento de escrever a dissertação, e Soraylu precisava de foco e tempo disponível. Sentindo o peso das responsabilidades e o crescente cansaço, ela viu na legislação de licença capacitação uma tábua de salvação. A possibilidade de conseguir um afastamento surgiu como um farol de esperança. Determinada, ela juntou a documentação necessária e solicitou ao seu chefe imediato, conforme os trâmites exigiam. O pedido era ousado: sete meses de afastamento total. Para não sobrecarregar os colegas de seu setor, Soraylu sugeriu realocar temporariamente servidores de setores com menos demanda, uma solução pragmática e bem pensada.

Para sua felicidade, seu chefe imediato aprovou o pleito. Uma onda de alívio e alegria a invadiu. Soraylu correu para compartilhar a boa notícia com seu orientador, prometendo ser a orientada mais dedicada durante esse período de afastamento. Ela sentia uma profunda gratidão por toda a compreensão que ele havia mostrado no ano anterior, e estava determinada a recompensá-lo com um trabalho excepcional. Cada dia que passava aumentava sua expectativa e determinação. A contagem regressiva para a emissão da portaria de afastamento parecia interminável, mas o futuro brilhava com promessas de realização e alívio.

Então, no meio dessa euforia silenciosa, Soraylu foi chamada à sala da Direção, onde o chefe de seu chefe aguardava. A tensão no ar era palpável. Os dois gestores a esperaram adentrar ao recinto, e a notícia que trouxeram caiu como uma bomba: apenas três meses de afastamento total seriam concedidos. A justificativa era fria e calculista: não queriam mudar a rotina de trabalho de outros setores para não se indispor com ninguém. O argumento do Diretor foi direto e sem rodeios: - Até poderíamos afastar você por sete meses, mas os demais servidores do seu setor teriam que trabalhar mais horas para te cobrir.

As palavras ecoaram na mente de Soraylu como um veredicto implacável. Ela chorou. Sentiu-se injustiçada, esmagada entre a necessidade de não prejudicar ninguém e o medo de decepcionar seu orientador. O peso do mundo parecia cair sobre seus ombros. A esperança de um afastamento completo e regenerador foi brutalmente reduzida a um mero respiro.

Apesar da legislação vigente permitir o afastamento, o Diretor "legalista" recorreu a outra norma de trabalho ininterrupto, mesmo tendo a opção de remanejar servidores de outro setor. Soraylu se retirou da sala com um coração pesado e uma mente afligida. Ela adoeceu. Não era a primeira a sucumbir à pressão implacável do serviço público, e,

tristemente, não seria a última.

E agora, o que fazer? Como equilibrar as necessidades pessoais e profissionais em um ambiente que parece inflexível e impiedoso? Soraylu refletia: seria possível encontrar um meio-termo ou seria forçada a sacrificar sua saúde e ambições acadêmicas? Essas questões permaneciam, sem resposta, no ar pesado de sua sala, deixando uma inquietação persistente e um futuro incerto.